



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
IF BAIANO - Campus Senhor do Bonfim
Licenciatura em Ciências Agrárias

IZABELLA RODRIGUES COÊLHO LOURA

**A EDUCAÇÃO PARA MORTE NA LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS AGRÁRIAS: UM TERRENO ÁRIDO E FÉRTIL**

Senhor do Bonfim, BA
2023

IZABELLA RODRIGUES COÊLHO LOURA

A EDUCAÇÃO PARA MORTE NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS: UM TERRENO ÁRIDO E FÉRTIL

Artigo apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias do IF BAIANO – Campus Senhor do Bonfim, para aprovação em defesa perante banca examinadora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Caroline S. Bittencourt

Senhor do Bonfim, BA
2023

A EDUCAÇÃO PARA MORTE NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS: UM TERRENO ÁRIDO E FÉRTIL

Izabella Rodrigues Coêlho Loura¹
Ana Caroline Santos Bittencourt²

RESUMO: A *Educação para a Morte* pode ser compreendida como uma área do saber que propõe a abertura de espaços para o diálogo sobre a morte e o processo de morrer em diferentes contextos, dentre eles, os espaços educacionais. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi identificar possibilidades teórico-metodológicas de uma *Educação para a Morte*, associada ao campo de estudo das Ciências Agrárias. Através de uma abordagem qualitativa, foi realizada a análise dos *Programas dos Componentes Curriculares* que compõem a *Matriz Curricular* da Licenciatura em Ciências Agrárias do IFBAIANO, campus Senhor do Bonfim/BA, presentes no Plano Pedagógico do Curso (PPC). Após ciclos de leitura e pesquisas sobre alguns dos principais conceitos/conteúdos trabalhados em cada componente analisado, foram selecionadas nove ementas, para as quais sugerimos temáticas que integram o conhecimento específico de cada área à uma possível discussão sobre a morte e o morrer para a espécie humana. A conjunção entre *Educação para a Morte* e a Licenciatura em Ciências Agrárias é de grande valia, pois contribui para a formação acadêmica dos discentes, uma vez que capacita e incentiva futuros educadores a levar esse diálogo para suas salas de aula, e também no desenvolvimento integral de cada indivíduo para lidar com as situações adversas que envolvem à morte humana.

Palavras-chave: Educação. Morte. Vida. Ciências Agrárias.

¹ Izabella Rodrigues Coêlho Loura é estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, IFBAIANO, campus Senhor do Bonfim. E-mail: ircl_bel@hotmail.com

² Ana Caroline Santos Bittencourt é doutora em Ensino de Ciências e docente no IFBAIANO, campus Senhor do Bonfim. E-mail: ana.bittencourt@ifbaiano.edu.br

EDUCATION FOR DEATH IN THE DEGREE IN AGRICULTURAL SCIENCES: AN ARID AND FERTILE TERRAIN

Izabella Rodrigues Coêlho Loura¹
Ana Caroline Santos Bittencourt²

ABSTRACT: Education for Death can be understood as an area of knowledge that proposes the opening of spaces for dialogue about death and the dying process in different contexts, among them, educational spaces. In this sense, the objective of this research was to identify theoretical-methodological possibilities for an Education for Death, associated with the field of study of Agricultural Sciences. Using a qualitative approach, we analyzed the Curricular Component Programs which are part of the Curricular Matrix of the Degree in Agricultural Sciences, at IFBAIANO, campus Senhor do Bonfim/BA, present in the Pedagogical Plan of the Course. After cycles of reading and research on some of the main concepts/content worked on in each component analyzed, nine programs were selected, for which we suggested themes that integrate the specific knowledge of each area with a possible discussion about death and dying for the human. The conjunction between Education for Death and the Degree in Agricultural Sciences is of great value, because it contributes to the academic training of students, training and encouraging future educators to take this dialogue to their classrooms. It also contributes to the integral development of each individual to face adverse situations involving human death.

Keywords: Education. Death. Life. Agricultural Sciences.

1 INTRODUÇÃO

O nome *Educação para a Morte* apareceu para mim, pela primeira vez, na grade de disciplinas optativas da Licenciatura em Ciências Agrárias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO), campus Senhor Do Bonfim, ao realizar minha matrícula em um dos semestres do curso. Movida pela relevância do nome “morte” e pela curiosidade de compreender como esse tema seria abordado dentro da sala de aula, optei por cursar o componente curricular. Foi uma experiência marcante em minha trajetória acadêmica, pois discutimos a vida e a morte a partir de múltiplas dimensões. Essa experiência me trouxe muitas reflexões e questionamentos, além de me levar a compartilhar vivências sobre a morte que, geralmente, eu não discutia com outras pessoas por angústia ou medo das lembranças.

Essa discussão, em sala de aula, despertou em mim um novo olhar e me ajudou a criar novas concepções a respeito da morte e do processo de morrer. E foi a partir daí que surgiu o interesse em abordar esse tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para isso fui, aos poucos, aprofundando as leituras sobre a *Educação para a morte*, um estudo que contribui para o nosso desenvolvimento pessoal de modo mais integral e que envolve relacionamentos, diálogos, perdas, obstáculos, onde transformações são capazes de acontecer ao longo da vida (KOVÁCS, 2005).

Maria Júlia Kovács, coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Morte, da Universidade de São Paulo (USP), ressalta que falar em *Educação para a morte* seria falar exatamente sobre esses questionamentos e reflexões, “[...] sobre a busca de sentido à vida que a morte pode oferecer.” (KOVÁCS, 2005, p. 486). E, no meu ponto de vista, não tem nada mais humano e peculiar do que explorar essa temática, principalmente nos espaços educacionais, pois, apesar de ser um desafio para os profissionais da educação, pode ajudar cada indivíduo a enfrentar as inúmeras dificuldades relacionadas à morte em seu cotidiano.

Kovács (2005), tomando como referência as sábias percepções do psicanalista Jung, salienta que “Frequentamos escolas por mais de vinte anos de nossa existência e assim nos preparamos para a vida social; da mesma forma, deveríamos também nos preparar, pelos mesmos “vinte anos”, para o fim de nossa existência” (2005, p. 486). E aponta que essa preparação poderia ocorrer, por

exemplo, em escolas e hospitais. Tal visão sugere a importância da abertura de espaços para discussão sobre esse assunto em espaços educacionais, desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Por outro lado, é necessário pautar que muitos profissionais da educação não discutem questões que envolvem a morte e o morrer, em sala de aula, por sentir medo de falar sobre o assunto ou achar o debate “difícil” e “pesado”. Essa dificuldade acontece justamente porque a morte está associada a sentimentos de medo, dor, angústia e sofrimento, sendo um tabu em nossa sociedade. O trabalho de Melo (2008) traz uma reflexão: “O professor não se julga preparado para tal discussão, questionamos como seria a formação de pessoas para lidar com a morte ao longo da sua vida pessoal, acadêmica e profissional” (2008, p. 02). Nesse sentido, a *Educação para a Morte* deveria estar presente em qualquer curso de Licenciatura, porque lidamos com pessoas e precisamos saber lidar com perdas também.

Diante desse contexto, uma questão tornou-se central em minha formação acadêmica: Que caminhos um professor poderia seguir, dentro da Licenciatura em Ciências Agrárias, para discutir aspectos relacionados à morte humana em sala de aula? Em virtude dessa pergunta, o objetivo deste trabalho foi identificar possibilidades teórico-metodológicas para uma possível *Educação para a Morte*, associada ao campo de estudo das Ciências Agrárias.

Para alcançar esse objetivo, realizei – através de uma abordagem qualitativa – a análise dos *Programas dos Componentes Curriculares* [ementas] que compõem a *Matriz Curricular* da Licenciatura em Ciências Agrárias do IFBAIANO, campus Senhor do Bonfim/BA, onde foi possível encontrar temáticas e estratégias que possibilitam uma correlação com a *Educação para a Morte*.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 As possíveis dimensões da morte humana

Alcançar uma concepção que seja amplamente reconhecida para os termos “vida” e “morte” não é um trabalho fácil, visto que para a espécie humana esses fenômenos possuem múltiplas dimensões: biológica, psicológica, sociocultural e espiritual (BITTENCOURT, 2021).

Nesse sentido, a dimensão biológica da morte humana pode ser caracterizada como:

[...] a cessação de todos os processos biológicos e constitui uma irreversível perda de toda a unidade biológica. As razões para termos distintos critérios de morte são as de diagnosticar a morte e as de pronunciar uma pessoa morta. A sociedade poderá, então, realizar suas cerimônias fúnebres, seus ritos religiosos, funerais, etc., aceitando a chamada morte biológica (SANTOS, 1997, p. 341).

Portanto, ao falar da “morte biológica” estamos nos referindo ao fim de todas as células do nosso corpo e passamos a não ter mais uma ligação físico-química com o meio que nos cerca. A constatação da morte biológica pode ocorrer de várias formas, por exemplo, associada a uma doença ou por meio de um acidente fatal, contudo, em qualquer das situações, é importante como esse comunicado será transmitido aos entes queridos, para que dessa forma possam se inteirar da morte biológica e encontrar amparo para cuidar das partes mais difíceis desse processo: a cerimônia fúnebre, os ritos religiosos até sepultar aquele(a) que tanto se ama, a ausência física permanente.

Sabemos que o nascimento e a morte são etapas naturais da nossa existência, mas muitos preferem não aceitar que a morte faz parte desse ciclo, principalmente quando pensamos na possibilidade de perder um ente querido. Além disso, também evitamos pensar em nossa própria morte. Segundo Gomes e Cruz (2017):

“[...] a morte faz parte do ciclo vital de todos os seres vivos, contudo existe ainda o “tabu” sobre este assunto. Ainda é repelida por muitos, pelo fato de juntar com ela vir sentimentos como raiva, tristeza, barganha e negação do próprio paciente e dos seus familiares” (2017, p. 02).

Zuanazzi et al. (2021) salientam que “[...] do ponto de vista psicológico, a forma como o sujeito percebe a morte e o morrer pode ser dividida em atitudes positivas e negativas, sendo que fatores sociodemográficos e da personalidade podem contribuir na maneira dessa compreensão” (2021, p. 01), ou seja, o indivíduo vai construindo, ao longo da vida, seu entendimento sobre a morte e o processo de morrer a partir de suas vivências individuais e do contexto social e cultural ao qual pertence.

É importante considerar que existem perspectivas diferentes sobre a morte em culturas distintas, em todo o mundo, e essas crenças estão intimamente relacionadas às religiões: “Enquanto tal, a morte apresenta-se como um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto sociocultural e histórico em que se manifesta” (COMBINATO e QUEIROZ, 2006, p. 209). No México, por exemplo, o “Dia dos Mortos” é festejado com muita alegria, é a celebração da vida de quem partiu e o espírito desta pessoa também é “convidado” para entrar na festa; mas vale destacar que isso não significa que o povo mexicano não sinta ou sofra com a perda de um ente querido. No Brasil, país com forte influência das religiões cristãs, o “Dia de Finados” ocorre em 2 de novembro; geralmente as pessoas visitam os cemitérios, levam flores, velas e fazem orações pela “alma” de seus mortos.

2.2 Educação para a Morte: possibilidades e desafios

Kovács (2005) propõe “[...] a ampliação do escopo da educação para a morte, fundamentada pela importância da discussão do tema numa sociedade na qual convivem a morte interdita, a busca da rehumanização da morte e a morte escancarada no cotidiano das pessoas” (2005, p. 488). A abertura de espaços para o diálogo sobre as questões que envolvem esse tema, no contexto escolar, poderia contribuir para o desenvolvimento do indivíduo nas suas múltiplas dimensões: física, intelectual, emocional, simbólica, social, entre outras.

O ideal seria que as reflexões sobre a morte e o processo de morrer ocorressem desde as séries iniciais da Educação Básica, pois, como afirma Flores e Penariol (2021):

As crianças têm muitas coisas a dizer e a saber sobre a morte, porém, muitas vezes não expressam por falta de oportunidade. Temos esperanças de que um dia a morte seja um conteúdo dentro do currículo das escolas,

pois ao contrário de prejudicar as crianças, estaremos preparando-as melhor para enfrentar as perdas que terão ao longo da vida. Afinal, na escola se ensina para a vida, mas educar para a vida, é também educar para a morte (FLORES e PENARIOL, 2021, p. 21).

Mesmo sendo um tema desafiador para os educadores, abrir espaço em sala de aula e incluir esse conteúdo dentro do currículo das escolas, daria aos estudantes a oportunidade de expressar seus sentimentos e possíveis temores relacionados ao fim da vida humana. Também poderia ajudar os próprios docentes a enfrentar suas dificuldades pessoais diante da morte e do morrer. Essa ação poderia ocorrer, por exemplo, através de rodas de conversa, onde fosse possível compartilhar pensamentos e experiências. Seguindo essa perspectiva, Rodriguez (2010) pontua:

[...] deve fazer parte da formação dos profissionais da educação a discussão sobre o compromisso com o ser humano em sua plenitude, sendo, portanto, fundamental desvelar as facetas de fenômenos relacionados à morte, que se encontram ainda ocultos para os educadores (2010, p.18).

Para desvelar essas facetas, é necessário, portanto, oferecer uma capacitação prévia aos professores. E seria importante que isso ocorresse em qualquer curso de Licenciatura, seja através de um componente curricular específico em Educação para a Morte, cursos, seminários ou conferências. Além disso, essa discussão também poderia ocorrer associada aos conteúdos dos componentes que já fazem parte da grade curricular dos cursos, ampliando ainda mais essa rede discussões sobre a vida e a morte.

2.3 A “morte” na Licenciatura em Ciências Agrárias

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) inclui a grande área das Ciências Agrárias (Ciências Agrárias I, Ciência de Alimentos, Medicina Veterinária e Zootecnia) no colégio das “Ciências da Vida”, onde também estão inseridas as Ciências Biológicas e Ciências da Saúde. Todas essas grandes áreas têm em comum o fato de lidar diretamente com diferentes formas de vida; no caso das Ciências Agrárias existe uma relação maior com a vida vegetal e animal, incluindo a vida humana. Nesse sentido, seria pertinente trazer para esse campo do saber discussões sobre as etapas que compõem o ciclo da vida, incluindo a mais difícil entre elas: a morte.

De acordo com o Projeto Pedagógico da Licenciatura em Ciências Agrárias (IFBAIANO/campus Senhor do Bonfim), o curso possibilita a formação de profissionais “com conhecimento pedagógico e tecnológico na grande área das Ciências Agrícolas, sistemas agrícolas produtivos, conservação dos recursos naturais, dentre outros” (BRASIL, 2021, p. 08). Esses profissionais estarão habilitados para atuar na Educação Básica, como docentes, e também em ONGs, órgãos públicos e outras atividades afins.

Morais (2014) descreve o perfil dos licenciados em Ciências Agrárias da seguinte forma:

Os licenciados em Ciências Agrícolas/Agrárias e do Ambiente e mais recentemente, Educação do Campo, são profissionais formados por instituições públicas de ensino (federais e estaduais) espalhadas pelo território brasileiro, com a responsabilidade de atuar nos processos educativos, lidando com as questões da produção rural e suas implicações econômicas, políticas e sócio-culturais de sua prática profissional (MORAIS, 2014. p. 649).

Nesse sentido, a atuação do professor – no processo educativo – deve ir além da transmissão apenas dos conteúdos de natureza técnica. Espera-se que ele atue como mediador, em sala de aula, abrindo espaços para que os estudantes compartilhem suas experiências de vida e para que estas sejam valorizadas. Freire (2002) discute que ensinar é uma especificidade humana e defende a importância do professor “saber escutar”, ou seja, o educador enquanto mediador deve levar para a sala de aula sua sensibilidade, para ouvir, conduzir e acolher seus alunos/as. E para o/a docente de Ciências Agrárias não seria diferente:

O professor de Ciências Agrárias precisa conhecer a complexidade de organização e de estruturação das instituições educativas, percebendo como se delineia o cotidiano, as ações e relações que se travam no interior dos espaços de educação, para, desse modo, promover uma ação educacional comprometida com a formação de cidadãos e cidadãs e com a humanização (BRASIL, 2021, p.14).

Em sala de aula, uma hora ou outra, o docente precisará lidar com situações limites de vida e morte. Um professor de agrárias, como qualquer outro, pode ter que enfrentar perdas pessoais ou mesmo a morte de um estudante, o que reforça a importância de uma *Educação para a morte*. Silva (2022) ressalta que: “[...] há

coisas que só a prática pode nos ensinar, nenhum livro consegue substituir a vivência de estar em contato com pessoas, ambientes e histórias das mais distintas possíveis" (2022, p.13). É através desse contato, em sala de aula, que podemos abordar problemáticas que muitas vezes são evitadas no cotidiano, como a finitude da vida, mudando nossas percepções de mundo e aprendendo, talvez, a viver melhor.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, onde “[...] os elementos em estudo são os discursos, e seus instrumentos são a análise e a interpretação da linguagem” (BRASIL et al, 2018, p.21). Martins (2006) também caracteriza esse tipo de abordagem como sendo a descrição, compreensão e interpretação de fatos ou fenômenos.

Seguindo esse caminho, este estudo foi desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, campus Senhor do Bonfim, tendo como foco os “Programas dos Componentes Curriculares” que compõem a *Matriz Curricular* da Licenciatura em Ciências Agrárias, presentes no Plano Pedagógico do Curso (PPC), o qual está disponível para acesso público no endereço eletrônico da Instituição.

Como estratégia para a produção dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos: (1) leitura integral do PPC da Licenciatura em Ciências Agrárias; (2) ciclos de leitura e análise das ementas dos componentes curriculares; (3) pesquisas sobre alguns dos principais conceitos/conteúdos trabalhados em cada componente analisado (de acordo com suas ementas).

Após a finalização das etapas acima, foram selecionados nove componentes curriculares, para os quais foram sugeridas temáticas teórico/metodológicas onde é possível integrar a *Educação para a morte* – discussões sobre a morte e o morrer para a espécie humana – ao conhecimento específico de cada área.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias apresenta, em sua totalidade, 52 componentes curriculares, distribuídos em oito semestres, e separados em: formação geral, formação específica, formação pedagógica e disciplinas optativas.

Durante o processo de análise dos programas/ementas desses componentes curriculares, fui, aos poucos, buscando correlações com questões relacionadas à morte e o processo de morrer para a espécie humana, com o intuito de encontrar temáticas que também tivessem alguma relevância para a formação dos profissionais dessa área.

Para sugerir essa correlação, também recorri aos conhecimentos que fui adquirindo durante minha jornada enquanto estudante de Ciências Agrárias: nas lembranças das discussões ocorridas durante às aulas; nas experiências de estágios e nas conversas informais com os colegas. Todos esses fatores colaboraram para a elaboração das nove temáticas apresentadas a seguir.

- **PRIMEIRO SEMESTRE (Formação pedagógica)**

Componente curricular: Fundamentos Filosóficos e Sociológicos da Educação.

Temática: A morte em diferentes contextos culturais.

Dentro da filosofia e, principalmente, no campo da sociologia, discute-se uma série de questões que enfatizam as diferenças culturais entre os povos. Uma possibilidade interessante, nessa área, seria discutir as visões sobre a morte em diferentes culturas, incluindo as diferenças regionais do Brasil. O docente poderia separar culturas distintas e pedir que os alunos que realizassem uma pesquisa sobre como a morte é vivenciada nesses locais e como esse tema poderia ser abordado nas escolas, a depender dos costumes e tradições de cada grupo. Outra sugestão seria convidar representantes de grupos culturais diferentes para uma roda de conversa para apresentarem diretamente aos estudantes suas percepções a respeito da vida e da morte, abrindo o espaço para um pequeno debate.

- **PRIMEIRO SEMESTRE (Formação geral)**

Componente curricular: Introdução à Química

Temática: A “morte” na história da química

No componente curricular *Introdução à química* geralmente ocorre uma breve discussão sobre a história da química, apresentando grandes nomes que revolucionaram a ciência através dos seus feitos. Alguns dessas pessoas, infelizmente, morreram em consequência de suas pesquisas, a exemplo de *Marie Curie*, ou porque lutaram até onde podiam para defender aquilo que acreditavam, a exemplo de *Antoine-Laurent de Lavoisier*, condenado a pena de morte – umas das mortes mais emblemáticas da história da química. Nesse sentido, o docente poderia levantar discussões sobre problemas que podem afetar a saúde humana, a partir do contato com algumas substâncias químicas, e que podem ocasionar a morte. Poderia ampliar o debate a partir de uma famosa citação de Sócrates: “Mais importante que a própria vida é o sentido que damos a ela”, ou seja, para algumas pessoas seu trabalho, aquilo que defendem e acreditam, é mais importante que a continuidade de suas vidas.

- **PRIMEIRO SEMESTRE (Formação específica)**

Componente curricular: Introdução à Zootecnia

Temática: Riscos à saúde humana ocasionados pelo consumo excessivo de carnes.

A morte pode ser abordada dentro da Zootecnia a partir da relação humana com as demais espécies animais, com foco na morte e o sofrimento animal – para fins de pesquisa e/ou consumo. Seria importante, aqui, ponderar questões bioéticas relacionadas às atitudes do ser humano com outras espécies, destacando a valorização da vida de qualquer ser vivo que habita o nosso planeta.

- **SEGUNDO SEMESTRE (Formação geral)**

Componente curricular: Fundamentos da Biologia

Temática: O ciclo da vida

A Biologia é uma área que estuda as diferentes formas de vida em suas múltiplas dimensões. Dentre as principais características dos seres vivos temos o ciclo vital: nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento e morte. No entanto, pouco se fala nas aulas de biologia sobre a última etapa desse ciclo, principalmente quando se trata da espécie humana: o fim da nossa existência. Portanto, o docente poderia explorar, em sala de aula, a função biológica da morte (reciclagem da matéria na natureza), assim como aspectos psicológicos, sociais e

culturais associados a esta etapa do nosso ciclo. Questões ligadas à Biotecnologia também poderiam ser exploradas, como a clonagem de seres humanos e possíveis riscos à saúde relacionados ao consumo de alimentos transgênicos.

- **TERCEIRO SEMESTRE (Formação pedagógica)**

Componente curricular: Psicologia da Educação

Temática: Contribuições da psicologia na abordagem de tema *tabu* em sala de aula.

Ao preparar o licenciando para se tornar um profissional da educação, é fundamental trazer para sua formação questões desafiadoras, com o intuito de prepará-lo para o cenário “real” de uma sala de aula onde ela esteja na posição de docente. Nesse sentido, trazer questões relacionadas a morte e ao processo de morrer para dentro da *Psicologia da Educação* pode ser um caminho viável. Para isso, seria interessante iniciar às discussões a partir das próprias experiências de vida dos licenciandos, abrindo espaço através de rodas de conversas para que cada um pudesse expressar seus sentimentos, medos e vivências sobre a morte e o morrer. Em seguida, o grupo poderia pensar em estratégias metodológicas para lidar, em uma futura sala de aula, com questões difíceis dentro desse campo, como depressão, transtornos de ansiedade e tentativas de suicídio entre adolescentes na Educação Básica. Outra estratégia seria convidar um psicólogo, ou outro profissional com experiência na área, para esclarecer possíveis dúvidas e ampliar a discussão sobre questões psicológicas que podem ocasionar a morte, enfrentamento do luto, entre outras.

- **QUINTO SEMESTRE (Formação específica)**

Componente curricular: Introdução à Mecanização agrícola.

Temática: Segurança do trabalho e riscos de morte.

A *segurança do trabalho* é um tema fundamental a ser abordado na Mecanização Agrícola, mesmo não estando diretamente presente na ementa do componente, visto que trabalhamos com máquinas e implementos agrícolas que se não forem manuseados de forma correta, podem colocar em risco a vida do trabalhador ou de outras pessoas ao seu redor (durante a execução do trabalho). Durante a abordagem desse tema, em sala de aula, o docente poderia alertar os estudantes sobre possíveis acidentes que podem provocar a morte de pessoas,

apresentar protocolos de segurança e trazer exemplos reais de acidentes provocados pela não adoção das medidas corretas. Poderia ampliar a discussão, enfatizando que priorizar a *segurança do trabalho* é, também, priorizar o cuidado com vidas humanas, pois a morte pode afetar não só o indivíduo, mas toda a sua estrutura familiar.

- **SÉTIMO SEMESTRE (Formação específica)**

Componente curricular: Ecologia, Meio Ambiente e Agroecologia.

Temática: Influência das mudanças climáticas no desaparecimento de espécies, incluindo a humana.

É possível afirmar que as mudanças climáticas vêm ocasionando grandes distúrbios em toda a biosfera, afetando de forma significativa o meio ambiente. Essa realidade é abordada com frequência em jornais, revistas, sites e redes sociais. Em sala de aula, o docente poderia discutir possíveis influências das alterações climáticas no campo da produção vegetal e animal e, em seguida, mostrar como esse fenômeno pode afetar gradativamente a sobrevivência das espécies, incluindo a espécie humana. Poderia abordar os problemas que podem ser causados na saúde do ser humano, tanto físicos quanto psicológicos, por exemplo, doenças cardíacas, cerebrovasculares e respiratórias, pois as mesmas podem vir a progredir em decorrência das altas ondas de calor, levando pessoas a óbito. Quanto às questões psicológicas, tragédias naturais associadas ao aquecimento global podem impactar à saúde mental e desencadear problemas como depressão e ansiedade, o que eventualmente pode aumentar casos de suicídio.

- **SÉTIMO SEMESTRE (Formação específica)**

Componente curricular: Fruticultura

Temática: Possíveis consequências da utilização indiscriminada de agrotóxicos.

Na *Fruticultura* destaca-se a importância do controle fitossanitário de pragas e doenças na produção agrícola. É pertinente o aprofundamento desse tema em sala de aula, pois desde sua criação até os dias atuais, os agrotóxicos causam grandes problemas à saúde humana, gerando consequências, muitas vezes, irreversíveis. Seria interessante retratar a história da criação do agrotóxico e para que fins ele foi, inicialmente, utilizado. Também poderia mencionar as possíveis doenças que o uso

indiscriminado desses produtos pode provocar no ser humano, incluindo os índices de mortalidade a cada ano. O debate poderia ser ampliado mostrando como a morte de um agricultor, por exemplo, pode afetar todo o seu círculo familiar, enfatizando a importância dos cuidados integrais com a saúde e qualidade de vida.

- **OITAVO SEMESTRE (Formação específica)**

Componente curricular: Manejo e Potencialidades do Semiárido

Temática: *Vida e Morte no semiárido nordestino.*

O clima semiárido é uma potência única no que diz respeito às suas características, dentre elas, destaca-se a diversidade de ecossistemas que, por sua vez, pode gerar várias possibilidades econômicas, como caprinocultura, ovinocultura, bovinocultura, lavouras de sequeiro, turismo e geração de energia renovável. Dentro desse componente curricular, seria interessante enfatizar uma questão que foi e ainda é muito importante: como eram as condições de vida e morte no sertão nordestino nos tempos passados, comparando com os dias atuais. Isso nos leva a pensar como era comum a morte de pessoas, especialmente crianças recém-nascidas, e também de outras espécies animais, pela escassez de água e de alimento nos períodos de seca e como esse cenário hoje vem sendo transformado. Aqui seria interessante falar sobre a “estratificação” da morte, ou seja, como as condições econômicas e sociais interferem no modo como lidamos com o fim da vida humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos cursos de Ciências Agrárias, é frequente a discussão sobre a importância e os tipos de solos, já que a qualidade dos mesmos influencia diretamente a produção agrícola de uma região. Alguns solos são mais difíceis de manusear, outros são mais ricos em água, substância nutritivas e, por isso, são considerados mais férteis.

Ao comparar a *Educação para a Morte* com os tipos de solos existentes para o plantio, podemos dizer que discutir questões relacionadas à morte e ao processo de morrer para o ser humano, em qualquer curso, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, assemelha-se a um terreno árido, por isso, não é uma tarefa fácil “plantar” essa discussão no contexto educacional. Isso acontece, primeiramente, porque é difícil enfrentar nossos medos e inseguranças quando falamos de um tema tão delicado.

Então para que o docente consiga abrir, em sua sala de aula, um espaço para diálogos sobre essa temática, primeiro ele precisa estar preparado para isso. No cenário atual, para que a Educação para a Morte alcance a Educação Básica, devemos voltar o nosso olhar para os cursos de Licenciatura e pensar em estratégias para formar futuros professores dispostos a aceitar o desafio de propor o diálogo sobre a morte em suas salas de aula.

Mesmo que não exista um componente curricular específico para essa finalidade, é possível, conforme apresentamos nesta pesquisa, que docentes de outras áreas proponham discussões pontuais que envolvam a morte humana em seus planos de ensino. Ações como essa, poderiam transformar um solo incialmente árido em um terreno fértil, onde a vida, a morte e o desenvolvimento mais integral do ser humano poderiam “florescer”.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Ana Caroline Santos. **A morte nos vivos: pequenas histórias de vida e morte.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

BRASIL, Christina Cesar Praça; et al. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa na saúde. In: SILVA, Raimunda Magalhães da; et al. (Org.). **Estudos qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações.** Sobral: Edições UVA, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. **Projeto Pedagógico do Curso Presencial de Licenciatura em Ciências Agrárias** do IF Baiano, campus Senhor do Bonfim. Senhor do Bonfim: MEC/SETEC, 2021. Disponível em: <<https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/bonfim/files/2022/05/PPC-LICA-2021.pdf>>. Acesso em: 02/maio/2023.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, 2006, p. 209-216.

FLORES, Dara Maria Martins; PENARIOL, Marita Pereira. **O luto infantil e a educação para a morte no contexto escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Santa Cruz, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**

GOMES, Thainá Castro; CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. Ansiedade relacionada à morte – revisão sistematizada da literatura. **Journal of Specialized Nursing Care**, v. 9, n. 1, 2017.
educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, 2005, p. 484-497.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2006.

MELO, Maria do Socorro Nascimento de. Morte como objeto de escolarização: uma proposta de pesquisa. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2892>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MORAIS, Marco Antonio de. A formação de licenciados em Ciências Agrícolas/ Agrárias: o conhecimento e suas conexões. **educação**, Santa Maria, v. 39, n. 31, 2014, p. 641-652.

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda. **Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite dos. Conceito médico-forense de morte. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, v. 92, 1997, p. 341-380.

SILVA, Any Caroline Lopes da. **O luto e a criança: uma revisão da literatura acerca dessa experiência na infância**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

ZUANAZZI, Ana Carolina; et al. Variáveis associadas a percepção da morte em adultos. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 14, n. 3, 2021.